

## **Docentes Conectad@s: Um Estudo Preliminar sobre a Circulação e a Propagação de Informações no *Facebook*<sup>1</sup>**

Janaina dos Reis Rosado<sup>2</sup>

Lynn R. Gama Alves<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia.

### **Resumo**

O objetivo central deste artigo é apresentar um estudo preliminar sobre docentes imersos no *Facebook* e a propagação e a circulação de informações em suas postagens. Os sujeitos foram observados oito horas por dia, sete dias por semana e destacamos onze temas que mais emergiram nas suas *timelines*. Considerando-se o ciberespaço como um ambiente sócio-cultural onde o *Facebook* se inscreve, a netnografia demonstrou-se adequada às necessidades deste trabalho que pretendeu compreender como o fenômeno da circulação e propagação de informação é vivenciado. Destarte, alguns métodos de pesquisa para internet também são discutidos neste trabalho. Concluímos que os docentes conectad@s fazem de suas páginas espaços de discussão, reflexão, catarse, educação, divulgação e propagação de informação, tudo isso com base na interação e na audiência que possuem na rede.

**Palavras-chave:** Docentes; Propagação de informação; Circulação de informação; Netnografia; *Facebook*.

### **Introdução**

O estudo e discussões apresentados neste artigo são parte integrante da pesquisa em andamento de doutorado sob o título de Docentes conectad@s: laços sociais e canais informativos no *Facebook* que tem como objetivo discutir a circulação e a propagação de informações de professores nesta rede social e como estas postagens tensionam a prática docente. Esta pesquisa ancora-se no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Estado da Bahia- UNEB.

Na contemporaneidade, as tecnologias digitais e a amplificação das possibilidades de interação entre as pessoas que estas promovem podem influenciar na percepção que temos do mundo e de nós mesmos, contribuindo para a constituição da subjetividade. Para Kerckhove(2013), estamos vivendo um novo paradigma em que a tecnologia ocupa lugar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ciberultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: janainarosado@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora orientadora do artigo. Coordenadora do Centro de Pesquisa Comunidades Virtuais do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: lalves@gmail.com

fundamental, instituindo-se em um novo totem<sup>4</sup>, símbolo que funciona como etiqueta coletiva. O tecnototemismo, termo cunhado pelo autor, é estruturante para a compreensão da afirmação de que há um contínuo entre mente e máquina. Este contínuo entre homem e tecnologia define novas características para o ser humano. Para exemplificar, Kerckhove diz que “estamos passando do biológico para o tecnológico: a internet funciona como um sistema límbico global, pois faz aflorar emoções e paixões capazes de culminar em ações com progressão viral”.<sup>5</sup>

Para Lèvy (1999), as tecnologias são intelectuais, compreendidas como artefatos que ressignificam e alteram a ecologia cognitiva dos sujeitos, o que resulta na construção ou reorganização de funções cognitivas, como a atenção, a criatividade, a imaginação, a memória, e contribuem para determinar o modo de percepção e intelecção pelo qual o sujeito entende o objeto.

Ante as transformações e inovações tecnológicas que mudam o *modus vivendi* dos sujeitos, transformando e instaurando novos processos na economia, política, cultura, indústria, saúde, entretenimento e educação, nota-se o forja de sujeitos imersos nas tecnologias digitais que protagonizam ações, compartilham informações, ora são produtores e ora consumidores de conteúdos. Estamos presenciando a Revolução da Conexão (ARBACHE, 2012) em que a maioria das pessoas vivem conectadas. Esta característica da conectividade *always on* é marcante nos dias atuais. O avanço tecnológico transforma cada vez o nosso dia-a-dia, favorecendo uma importante capacidade de relacionarmos intimamente com mídias digitais e com o ritmo veloz da era da informação. Este rápido processo é refletido na forma como nos comunicamos, aprendemos, trabalhamos, nos divertimos, nos relacionamos. O ritmo impresso pelo desenvolvimento tecnológico podem alterar o uso dos nossos sentidos, exigindo que sejamos hipertextuais, desenvolvamos pensamento não-linear e façamos tudo ao mesmo tempo.

É esse ambiente tecnológico que se configura como espaço no qual navegamos em vários *sites*, falamos ao celular, nos comunicamos em *chats*, ouvimos música, etc, tudo isso simultaneamente, estabelecendo relação dialética com os elementos midiáticos, interagindo

---

<sup>4</sup> “Mas o que é o totem? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água) que tem uma relação especial como todo o clã. O totem é em primeiro lugar o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos.” (FREUD, 2012, pp19 e 20).

<sup>5</sup> Conferência *Tecnologia, o Novo Totemismo*, realizada pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo no dia 17 de outubro de 2013. <http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferencistas-internacionais/derrick-de-kerckhove> Acesso em 08 julh 15.

com seus diversos estilos: impressos, imagéticos, digitais, sonoros. A internet vem alterando as formas como as pessoas se relacionam, fazem compras, consultam o médico ou estudam. É cada vez mais comum conversarmos com amigos e familiares nas redes sociais na internet, fazermos compras ou estudarmos *online*. A cultura inaugurada a partir da expansão do ciberespaço ficou conhecida por cibercultura.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge de interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÈVY, 1999, p. 17)

Nesse contexto ressaltamos as redes sociais digitais que são formadas por atores e suas conexões, constituindo-se em “[...]uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores.” (RECUERO, 2009, p. 24)

As redes sociais na internet apresentam grande potencial de interação para atender à recorrente desejo de autoprojeção, de comunicação, de exibição, de visibilidade, de protagonismo, de produção, de circulação e propagação de informações e de compartilhamento de conteúdos de forma rápida e com significativo alcance.

### **Docentes conoctad@s**

Ao passo que a vida cotidiana é levada para a superfície das telas dos computadores e *smartphones* e que se engendra na rede tecnológica das relações, percebe-se o nascer de novos modos de ser e de viver do sujeito, e o olhar do outro torna-se condição imprescindível para atender à necessidade das pessoas de serem observadas, percebidas e de serem aprovadas. Aí está centrada a lógica do “apareSer” (DAL BELLO, 2011), em que “a relação que se estabelece é entre o *eu* que se faz visível para que o *outro* possa reconhecê-lo, admirá-lo, validá-lo como *alguém(...)*”.

Neste universo tão diverso e complexo que é a rede social na internet iniciamos nosso trabalho elegendo o *Facebook*. Uma pesquisa feita pela Conecta/IBOPE<sup>6</sup> mostra

---

<sup>6</sup> Dados publicados em 18/07/2014. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/> Acesso em 25 junh 15.

que brasileiro conectado possui uma média de sete perfis em redes sociais na internet. O *Facebook* configura-se como uma das mais utilizadas, chegando a 96% das pessoas pesquisadas. Esta rede social está presente em 88% dos aparelhos de celular dos entrevistados. Atualmente o *Facebook* é utilizado por cerca de 89 milhões de internautas no Brasil<sup>7</sup> aumentando a cada dia. O objetivo desta rede social foi mantido desde o seu nascimento até os dias atuais: promover o compartilhamento de dados, informações, ideias, trocas de experiências, interação entre os indivíduos de maneira rápida, direta, prazerosa.

(...) com o crescimento vertiginoso do número de usuários no site, o *Facebook* deixa de ser ambiente exclusivo para relacionamento entre estudantes universitários e se posiciona em quanto um *Site* de Rede Social aberto para participação de usuários em busca de um ambiente *online* que possibilitasse a interação entre amigos, colegas de trabalho, ou mesmo, entre desconhecidos que partilhassem interesses em comum.(RIBEIRO, J.C. e AYRES, M. 2014, pp.205 e 206)

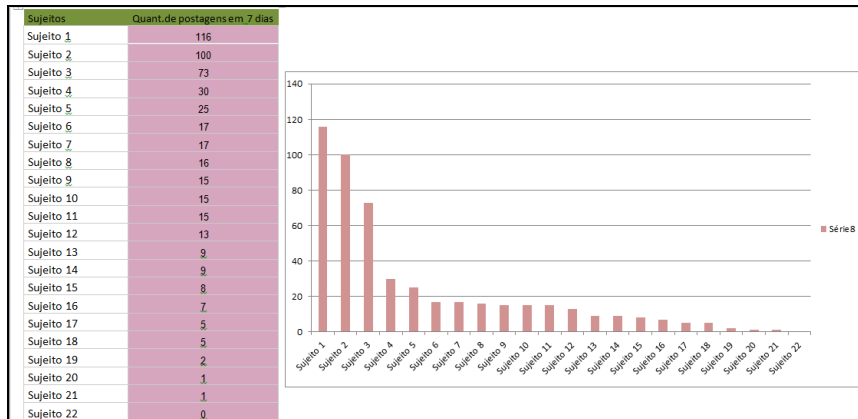
Foi neste espaço de interação, *Facebook*, que entre os dias vinte e um e vinte e sete de novembro de dois e quinze, observamos as postagens de vinte e dois sujeitos. Foram quarenta e nove horas de observação de todas as postagens que os sujeitos escolhidos fizeram em suas *timelines*. O critério de escolha dos sujeitos foi o fato de que todos tinham o mesmo perfil profissional: docente. Além disso, estarem no nosso círculo de amizades no *Facebook*, e “aparecerem” muito no nosso *feed* de notícias, o que promoveu condições favoráveis de observação e de coleta das postagens no mesmo dia em que eram lançadas na rede. Estes (as) professores (as) são oriundos de diversas áreas do conhecimento como psicologia, pedagogia, história, filosofia, letras, jornalismo, design, comunicação, a maioria mestres e doutores principalmente na área de educação.

Durante os sete dias de imersão no *locus* desta pesquisa, destinamos olhar atento e minucioso sobre toda e qualquer postagem feita pelos docentes. A coleta das informações não foi fácil visto que o *Facebook* não apresenta um *feed* de notícias amigável e de fácil manuseio, bem como demonstrou-se instável em relação a manter as informações postadas.

---

<sup>7</sup> Segundo consultoria e Marketer. Disponível em <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/89-milhoes-de-brasileiros-acessam-o-facebook/43687> Acesso em 26 junh 15.

Gráfico 1 - Planilha postagem dos sujeitos – semana 21 à 27/11/15



Fonte: Própria

Neste primeiro momento focamos no quantitativo e pudemos observar pessoas que postaram significativamente em uma semana até pessoas que não fizeram nenhuma postagem. Durante o trabalho todos os sujeitos foram observados de maneira quase que concomitante. Outro desafio foi catalogar os assuntos. Vários foram os conteúdos e temas que emergiram das postagens dos sujeitos: religião, sexualidade, racismo, amor, política, humor, natureza, esporte, culinária, educação, comentários da vida pessoal e cotidiana etc. Algumas postagens eram bem claras, outras devido a sua complexidade, apontavam para temas diversos. Alguns desses temas surgiam com mais frequência demonstrando o interesse desse grupo observado.

Figura 1 - Nuvem representando temas que mais surgiram durante a observação<sup>8</sup>



Fonte: Própria

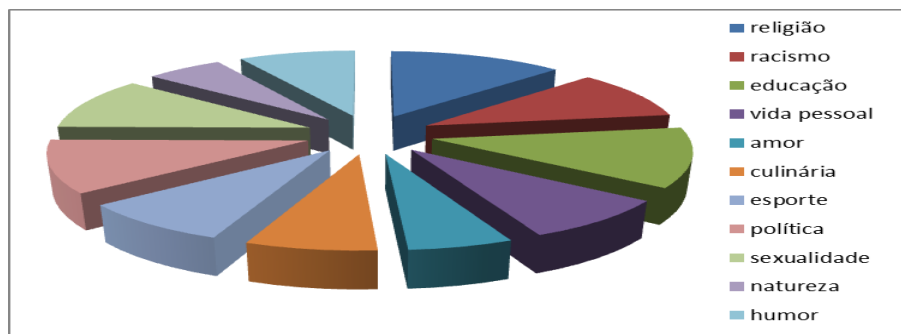
Os sujeitos foram ranqueados de acordo com a quantidade de postagens realizadas durante a semana de observação. Desta forma, temos o sujeito 1 que realizou cento e

<sup>8</sup> As palavras que estão em tamanho maior na imagem são os temas que mais foram abordados nas postagens dos sujeitos da pesquisa.

dezesesseis postagens em seu *Facebook* e o sujeito 22 que não fez nenhuma postagem em sua página de rede social. Observamos que houve uma regularidade de postagem entre os sujeitos 1, 2 e 3, cada um com cento e dezesesseis, cem e setenta e três postagens respectivamente. Entre os sujeitos 4 e 16 podemos perceber que a variação gira em torno de trinta (sujeito 4) e sete (sujeito 16) postagens durante a semana observada.

Após analisar a quantidade de postagens, ponderamos que seria necessário trabalhar com os sujeitos que fizeram pelo menos uma postagem por semana e desta forma elegemos, dentro das vinte e duas pessoas observadas, os dezesesseis primeiras para dar prosseguimento à pesquisa. Então ficamos com atores sociais que postaram entre cento e dezesesseis e sete temas em suas páginas no *Facebook* na semana em estudo. Estes docentes publicaram temas diversos como citamos anteriormente e que podemos ver a seguir:

Gráfico 2 – Temas que mais emergiram durante a observação.



Fonte: própria

Catalogar todos os assuntos que saltaram das páginas dos sujeitos observados foi tarefa árdua. Foram muitas e diversas as formas de postagens na rede. Desta forma precisamos criar estratégias de catalogação dos conteúdos tentando não fugir do tema e sendo o mais fieis possível ao que os sujeitos postaram. Algumas publicações eram bem claras e objetivas, outras eram mais subjetivas. Foi uma gama de possibilidades que agregamos em onze grandes grupos: religião, racismo, educação, vida pessoal, amor, culinária, esporte, política, sexualidade, natureza e humor.

Várias foram as formas com as quais os temas elencados acima surgiram nas páginas observadas. Fotos, comentários em forma de texto ou de frases, compartilhamentos serviram para introduzir assuntos como:

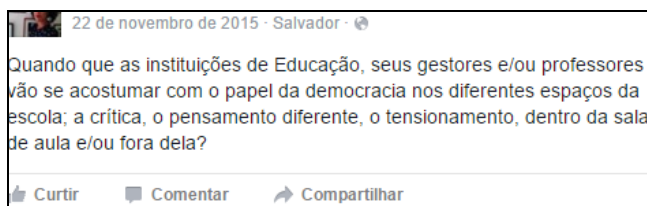
1. Religião surgiu em posts de imagens de santos, em orações, comentários sobre preconceito e intolerância religiosa, vídeos sobre diferentes religiões, mensagens de fé.

Alguns sujeitos eram protagonistas da ação que envolvia a religião e isto também foi compartilhado no *Facebook*.

2. O empoderamento de mulheres negras em resposta a ações de racismo que ocorreram na mídia, a exemplo do caso da jornalista e da atriz que foram insultadas nas redes sociais por serem negras foi um dos posts mais produzidos e compartilhados nas *timelines* quando o assunto era racismo. Conscientização sobre o fato de o racismo ser crime inafiançável, postagens protestando contra o racismo que alguns jogadores de futebol sofreram em partidas nacionais e internacionais, pouca presença de negros na televisão, relatos de ordem pessoal de pessoas que sofreram racismo ou tiveram seus entes envolvidos em situações de discriminação racial, muitas postagens de diferentes formas sobre o combate ao preconceito ao cabelo do negro também foram assuntos que estiveram na pauta neste grupo.

3. Eventos na área de educação foram as informações que mais circularam sobre o tema Educação. Tínhamos também comentários sobre leis e emendas de leis, escândalos envolvendo governos (em quaisquer esferas) e o descaso com a educação, relatos profissionais de experiências exitosas, desabafos de docentes sobre algum assunto da área, salário dos professores, manifestações que ocorreram no Brasil em defesa da educação no país, editais de fomento, divulgação e propagação de cursos e concursos, informes aos alunos sobre textos e/ou atividades a serem realizados no espaço online ou presencial.

Figura 5 – Postagem do sujeito 11 sobre o tema educação.



Fonte: *Facebook*

4. A vida pessoal foi trazida para as telas da rede por meio de posts sobre o que as pessoas estavam fazendo onde e com quem. Ir à academia, festas, shows, trabalho, faculdade etc, sempre ganha o interesse da maioria que navega no *Facebook*. Neste grupo “vida pessoal” as fotos têm destaque especial: registro imagético dos filhos, dos lugares onde estão passando férias, atividades temporárias em lugares diferentes do seu cotidiano, viagens românticas ou com amigos. Todos esses acontecimentos ganham maior notoriedade com a possibilidade de se capturar aquele momento inesquecível e que todos precisam saber. Ainda dentro desta lógica, podemos ressaltar a elaboração dos vídeos pessoais e claro as *selfies*. Esta

última tornou-se prática quase que obrigatória quando o assunto é vida pessoal. Registrar e compartilhar sua imagem em vários momentos, inclusive íntimos, faz parte da cultura da conexão e da necessidade de visibilidade das pessoas. Este tema sempre tinha muita audiência, recendo muitas curtidas e comentários.

5. Mensagens de amor também circularam muito na rede dos sujeitos desta pesquisa. Eram declarações de amor a alguém ou mensagens que pediam mais amor no mundo, nas relações. A palavra amor foi amplamente citada e mesmo quando não era explícito, podíamos identifica-la através de vídeos, imagens, comentários que eram compartilhados com público.

6. Pudins, bolos, tortas diversas, sucos, comidinhas de fim de tarde este é um do pouco do cardápio que era oferecido aos olhos e imaginação das pessoas que fazem parte da rede dos sujeitos pesquisados. Culinária foi um tema apetitoso e muito degustado pela audiência. Muitos eram os comentários quando se tratava de comida. A impressão é que estávamos na cozinha ou na sala da pessoa que postava e a união em torno das iguarias era significativa. E por que a palavra culinária e não comida para nomear este grupo? Por que além de “oferecer” o que se estava comendo, existia uma troca de receitas e modos de fazer, o que movimentava muito a rede. Comer (mesmo que inicialmente seja com os olhos) realmente é algo que mobiliza e agrega as pessoas. O sujeito 15 era um dos que mais postava este tema, e sempre muito feliz em terminar seus finais de tarde com um chá com bolo ou outra iguaria. O que pudemos verificar aqui também foi o alcance das postagens: observando os comentários verificamos que existiam pessoas que eram marcadas e não faziam parte da rede do seu jeito que fez o post. Estas pessoas também marcavam outras que quando podiam (caso o post fosse público) faziam comentários e marcavam mais pessoas.

7. O tema esporte surgiu nos perfis, na maioria das vezes, abarcando o assunto olimpíadas de 2016 de forma preocupada e ou desacreditada. As postagens giravam muito em torno das condições políticas e financeiras do país para sediar um evento deste porte. A questão da insegurança de brasileiros e estrangeiros este período também foi amplamente discutido. As partidas entre os times locais também geraram posts e comentários.

8. O cenário político do país, dos estados e dos municípios também foi alvo das postagens. Manifestações tanto de apoio e de descontentamento com governo vigente foram expressas. Informações, opiniões, críticas, elogios e discussões aconteceram neste período observado. Foram feitos muitos compartilhamentos, particularmente de humor como suporte para abordagem dos temas políticos nacionais e internacionais.



9. Sexualidade é um termo muito utilizado que abrange uma variedade de significados que não permitem uma única verdade sobre o conceito. É um traço muito íntimo do indivíduo onde tudo pode ser relativo. Desta forma, classificar postagens neste grupo foi mais um desafio neste trabalho. Como muitas são as denominações pra sexualidade tomamos aqui uma que é mais pertinente com a verdade de cada sujeito, ou seja, uma conceituação que tenta abarcar todas as nuances desse sujeito multifacetado e complexo que é o ser humano. Na letra de Freud(1970) a sexualidade é energia vital inata para o prazer ligada ao bom regulamento interno do corpo, à afetividade, às relações sexuais e sociais. Essa energia vital da qual nos fala Freud foi percebida através de fotografias, vídeos, comentários, imagens de partes do corpo humano (inclusive genitais), imagens e comentários sobre os corpos, principalmente, de jogadores de futebol.

10. Os impactos ambientais e a morte de pessoas causados pelo acidente<sup>9</sup> de uma mineradora na cidade de Mariana em Minas Gerais em novembro de 2015 foi o assunto, dentro do grupo natureza, de maior destaque nas postagens. O *Facebook* ficou em polvorosa quando a tragédia foi anunciada e este assunto reverberou fortemente durante todo o mês de novembro. Muitas postagens com cenas da tragédia, comentários, informações circularam diariamente na rede. Todos ou maioria cobravam das autoridades locais e federais satisfações, soluções e respostas para o que havia acontecido em Bento Gonçalves distrito entre Mariana e Ouro Preto e que se configurava como um desastre de proporções incalculáveis. Nossos sujeitos, como parte desta rede, expressaram sua indignação, solidariedade, aflição, espanto com muito posts e compartilhamentos. Além do desastre ambiental em Mariana, assuntos como defesa dos animais, preservação da natureza, fruição de flores e animais, fotos de paisagens e de animais de estimação também foram assuntos catalogados no tema natureza.

11.

“O processo humorístico pode ocorrer de duas formas: ou numa única pessoa que adota ela mesma a atitude humorística, enquanto outra pessoa tem o papel de espectador e fruidor, ou entre duas pessoas, das quais uma não tem participação nenhuma no processo, mas a outra toma essa pessoa como objeto de sua consideração humorística.”(FREUD, 2014, p. 323)

Freud tinha razão. Observamos estas duas situações nas postagens dos sujeitos. Muitas vezes o próprio sujeito era alvo do seu humor, fazendo graça do que dizia ou de uma situação engraçada que vivenciou ou estava vivenciando. Outras vezes percebemos que os sujeitos

<sup>9</sup> Para saber mais: <http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2015/12/entenda-o-acidente-de-mariana-e-suas-consequencias-para-o-meio-ambiente>

tinham como objeto da graça outras pessoas, famosas (da mídia) ou não. As opções de como as pessoas estão se sentindo que o *Facebook* oferece ajudam a compor o post especialmente quando a alusão é ao cômico. O humor transita fortemente na rede como pano de fundo para abordar diversas questões da contemporaneidade e nossos sujeitos utilizaram amplamente desta maneira para expor seus pensamentos e sentimentos. O humor pôde ser visto também nos outros temas que emergiram durante a observação, principalmente quando se tratava de política, o que nos indica que essas pessoas abordavam a maioria dos assuntos com humor.

### **Dos (entre)caminhos metodológicos**

(...) a internet pode ser tanto *objeto* de pesquisa (...), quanto *local* de pesquisa (...) e, ainda, *instrumento* de pesquisa (...). (FRAGOSO *et al* 2013, p. 1)

Quando pensamos em pesquisa na internet, considerando a coleta e análise de dados neste espaço, devemos atentar para os diversos desenhos metodológicos necessários para estes estudos. Fragoso *et all* (2013) apontam que na literatura da área podemos encontrar diversos métodos utilizados: análise de conteúdos, análise de discurso, etnografia, análise de redes sociais, entrevistas, estudo de caso, observação participante, análise de hiperlinks, análise de webesfera, webmetria, entrevistas em profundidade, análise documental, teoria fundamentada, grupo focal *online*, análise de conversação, pesquisa de opinião, interacionismo simbólico etc, inclusive com possibilidade de diálogo entre os métodos.

Acreditamos que para esta investigação, que se debruça sobre a circulação e propagação de informações postadas pelos professores nas redes sociais na internet, a netnografia ou etnografia virtual é um método adequado e que nos proporciona mais e melhores condições de coleta e análise de dados possibilitando o uso de duas ou mais técnicas, favorecendo a triangulação de resultados.

Do grego *ethos* (cultura) e *grafhe* (grafia) a etnografia se propõe estudar os processos da interação social. São muitas as discussões sobre a história do termo, mas nesta pesquisa entendemos que Angrosino(2009, p.30) é quem melhor apresenta-nos o conceito para etnografia, sendo “(...)a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças.” A etnografia carrega a preocupação em compreender a vida e a existência social como consequência do relacionamento e convívio.

Angrosino (2009, p. 31) lista características da etnografia como método de pesquisa que dão sustentação à escolha feita neste trabalho. Para o autor o método etnográfico é

- “(...) baseado na pesquisa de campo(...)” ou seja, é no espaço empírico onde a pesquisa ganha vida nas relações do cotidiano dos sujeitos;
- “(...) personalizado”. A pesquisa é conduzida por um pesquisador que se inscreve como observador e/ou participante neste ambiente.
- (...) *multifatorial* (...)” ou seja, pode utilizar-se de duas ou mais técnicas que podem ser qualitativas ou quantitativas;
- gerido por pesquisadores que estabelecem um compromisso de investigação por longos períodos de tempo, o que é uma característica de uma pesquisa de doutorado;
- “(...) *indutivo* (...)”. Centra-se na descrição detalhada “para construir ideias gerais ou teorias explicativas”;
- “(...) *dialógico* (...)” por que possibilita que as interpretações e conclusões do investigador possam ser discutidas pelo informante – sujeito no momento que foram construídas;
- “(...) *holístico* (...)” porque permite uma visão ampla e o mais completa possível dos fenômenos estudados.

Diante o exposto por Angrosino, vislumbramos que a pesquisa de base etnográfica traz de forma indissociável para o *corpus* do trabalho a subjetividade do pesquisador, a pluralidade do olhar, o contexto e a descrição precisa do que está sendo observado. Aqui podemos outra vez trazer à cena Boaventura Santos na discussão sobre os paradigmas da ciência, visto que tudo passa pelo olhar do pesquisador, sendo ele um intérprete e, por conseguinte construtor daquela realidade observada. Então poderíamos nos questionar qual ciência seria neutra e objetiva na sua totalidade.

A etnografia virtual, termo cunhado por Hine (2000) ou netnografia, termo criado por Kozinets (2014) apresenta-se como um método de pesquisa qualitativa que teve sua origem na antropologia cultural, constituindo-se em um processo que se desenvolve a partir da ação do investigador e dos caminhos que escolhe dentro do contexto pesquisado. Considerando-se o ciberespaço como um espaço sócio-cultural, a abordagem etnográfica adequa-se às necessidades desta pesquisa que pretende explorar o fenômeno sob vários ângulos, tentando compreender como ele é vivenciado e para que existe.

Para Hine (2000), a etnografia virtual pode ser usada para aprimorar a percepção sobre o conhecimento da tecnologia digital e dos espaços sócio-culturais que são por ela pesquisadas. Por isso, a etnografia virtual tem espaço garantido nas pesquisas onde os objetivos incluem perceber o que as pessoas estão fazendo no ciberespaço.

Se tempo e espaço são categorias importantes para a etnografia tradicional, visto que o pesquisador se insere fisicamente em determinado grupo, como faria este procedimento nos meios digitais, já que na contemporaneidade vemos que as tecnologias da informação e da comunicação proporcionaram novas configurações para o tempo e o espaço?

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos onde ela se desenvolve e por isso consideramos o caráter adaptativo que emerge na reflexividade sobre o método. A postura etnográfica descrita aqui trata de fazer justiça a riqueza e a complexidade da internet, uma vez que defende a experimentação de um gênero que responde a novas situações (HINE, 2000, p. 23)<sup>10</sup>.

Ao problematizar os usos da etnografia na internet, o que Hine apresenta-nos é a possibilidade de repensar a etnografia em espaços virtuais nos quais o entendimento do que seja espaço e tempo sofre mudança de acordo com os novos cenários tecnológicos e as diferentes formas de interagir dos sujeitos. A própria autora nos convida a refletir sobre o termo cunhado por ela, etnografia virtual, argumentando que a etnografia é a mesma, o que tem características diferentes é o espaço empírico: internet. Assim sendo, neste trabalho vamos optar em nos referir ao método aqui utilizado como etnografia adaptada para espaços digitais.

Outro termo largamente difundido nas pesquisas que tratam da internet é a netnografia, criado e popularizado por Kozinets(2104). Para o autor esta denominação refere-se ao método que possui características singulares no que tange ao objeto e espaços de pesquisa, deixando bem claro a diferença entre *offline* e *online*.

O uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online. Significaria que um tempo significativo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura online.

Referir-se à netnografia como uma prática particular além da etnografia é importante. O que ela sinaliza aos diversos constituintes d pesquisa – (...) – é que essa pesquisa em particular segue um conjunto comum distinto e especificado de procedimentos e protocolos metodológicos que foram acordados por uma comunidade de estudiosos. (KOZINETTS, 2104, p. 62)

---

<sup>10</sup> Tradução das autoras. “La metodología de una etnografía es inseparable de los contextos donde se desarrolla y por eso la consideramos desde una perspectiva adaptativa que reflexiona precisamente alrededor del método. La postura etnográfica descrita en este libro trata de hacer justicia a la riqueza y complejidad de Internet, a la vez que aboga por la experimentación dentro de un género que responde a situaciones enteramente novedosas.”

Kozinets defende que a netnografia é um método de pesquisa de observação participante experienciado em interações online com procedimentos, protocolos e ritos próprios, indicada para ser usada em ambientes virtuais.

Os principais instrumentos de coleta de dados na pesquisa etnográfica virtual são entrevistas online, observação de interações mediadas por diversas ferramentas comunicacionais, documentos digitais, registros visuais, matriz de análise.

Utilizar a etnografia virtual é uma forma de estar presente nestas redes sociais com um olhar crítico no movimento que se constitui no rizoma da própria rede. É importante escapar de uma visão integrada da realidade, e nem tender ao determinismo tecnológico e apocalíptico (ECO, 1998), sendo necessário certo ceticismo na aproximação etnográfica (HINE, 2000), que relativize a força e a direção da transformação social que as tecnologias podem trazer.

### **Considerações finais #sqn**

Esta pesquisa em *locus* possibilitou uma chuva de informações sobre este espaço, a rede social *Facebook* e seus sujeitos - interatores. E agora o que fazer com esta nuvem de dados?

Destacamos a quantidade e a diversidade de informações que circularam nas postagens dos sujeitos. Como já explicitamos os temas variaram entre muitos temas e fizemos um recorte dos mais postados: religião, racismo, educação, vida pessoal, amor, culinária, esporte, política, sexualidade, natureza e humor. Religião foi o tema mais abordado e se este fosse o critério de escolha, a quantidade de vezes que um assunto surge nas postagens, religião seria o tema escolhido. Porém não foi isso que pensamos. Precisávamos eleger um único tema para seguir, visto a multiplicidade de temas e a inviabilidade, para a pesquisa de doutorado, em se debruçar sobre tudo que emergiu. E como proceder com esta escolha se todos os assuntos que surgiram estão na ordem do dia e podem ser considerados igualmente importantes para a sociedade? Voltamo-nos para nossa área de formação e pesquisa, - **educação** – e ficamos pensando que na cultura da conexão, a qual estamos submetidos, onde de acordo com Jenkins *et al.* (2014, p.23) “se algo não se propaga, está morto” quais seriam as estratégias utilizadas pelos professores para divulgação e propagação dos conteúdos que envolvem informações sobre educação *Facebook*? Como a circulação de informações sobre educação tensionaria a prática desses docentes? Mais ainda: Quais seriam os pontos de

tensionamento destas informações na própria rede? Estas perguntas nos convidam a trazer para o cerne da discussão a díade educação e cultura da conexão e nos fornecem argumentos suficientes dar encaminhamento a nossa pesquisa.

A conclusão do trabalho apresentado neste artigo aponta para o fato de que os docentes conectad@s fazem de suas páginas espaços de discussão, reflexão, catarse, educação, divulgação e propagação de informação, tudo isso com base na interação e na audiência que possuem na rede. Audiência essa que é composta colegas de profissão, alunos, pais de alunos e outros atores do cenário educacional. Desta forma, este é um dos fatos que nos faz acreditar na premissa que estas postagens tensionam a prática docente dos sujeitos observados. Isto é o vamos continuar pesquisando.

### Referências bibliográficas

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Tradução de José Fonseca. Artmed, 2009.130p.

ARBACHE, Fernando. **Quem é a Geração C?** Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/noticias/comportamento/gente/noticias/quem-e-a-geracao-c-11743.html>  
Acesso em 04 ago 2013.

DAL BELLO, Cíntia. **Visibilidade mediática cibercultural: apontamentos sobre a fenomenologia do “apareSer”**. In: Simpósio Nacional de Cibercultura, 5., 2011. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2011.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva; 1998.

FRAGOSO, Suely., RECUERO, Raquel. e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREUD, Sigmund. 1856-1939. Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia. **O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. In Edição stantard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970-1977.

HINE, Cristine. **Etnografía Virtual**. Colección Nuevas Tecnologías e Sociedad. Editorial: UOC, 2000.

JENKINS, Henry., FORD, Sam. e GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

KERCKHOVE, Derrick Claude Frederic de. **Tecnologia, o Novo Totemismo**, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferencistas-internacionais/derrick-de-kerckhove> Acesso em 08 julh 15.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, J. C. e AYRES, M. Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais. In **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. PORTO, C. e SANTOS, E. (Organizadoras). Campina Grande: EDUEPB, 2014.